

27-07-2022

A MORTE DO RASCUNHO

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Tive dúvidas com o título deste texto. Inicialmente queria denominá-lo “o assassinato do rascunho”. Fora as dúvidas do título, ou junto a elas, o que vigora é uma questão simples: por que a sociedade tecnocrática, conduzida pelas redes moduláveis, viciada e viciante, matou o rascunho? Sabemos todos que uma pergunta nunca vem só. Esta pergunta convoca outra: como podemos viver sem a existência do rascunho?

..... Tudo bem!

Pode ser que ainda existam alguns rascunhos perdidos nos monturos, talvez dobrados em folhas de papel amassado; pode ser também que num lugar do interior do Brasil, ou na zona rural distante dos centros urbanos, haja ainda quadrinhas feitas por adolescentes apaixonados que, em segredo, são guardadas debaixo da cama. Certamente, enevoados e cheios de traças ainda se encontram antigos alfarrábios e, inclusive, borrões de Humboldt. Ou cartas esmaecidas por séculos em que Darwin fazia a defesa da evolução. Entretanto, conforme a estrutura social que reina e domina no atual período, o rascunho, como prática sensível do escritor cuidadoso, foi enxotado, aliás, foi abortado. O rascunho está morto sem velório e sem lágrimas. Isso dói. O mestre Braz José Coelho, educador, escritor, linguista, contador de causos, atento e lépido, um amigo eterno, vendo a passagem desse homicídio gráfico e simbólico - a morte do rascunho - curvou-se em dor. Embora sofrido, mas lúcido me explicou no final da década de 1980: “*todo texto possui uma história sutil e funda, daí a importância do rascunho*”. Todo autor concebe seu texto antes de fazê-lo. Mas ao edificá-lo, o que antes era a sua intenção lhe escapa na composição textual. Esse deslizamento - entre intenção e ato - é um nobre documento da alma de quem escreve e da teia complexa da escrita.

Isso ocorre porque todo texto responde pela complexidade do sujeito que o faz e do leitor que o lê. Por isso, é que Denise Godoy, poetisa, ensaísta e musicista, com inteligência rara, amiga eterna, diz que a escrita escreve o escritor. Ou seja, o texto lê o seu autor. A morte do rascunho é, por isso, uma violência contra o autor. Sem o rascunho, o que é escondido, misterioso e secreto no autor se perdem na bruma das correções feitas nos programas de computador. E mais: o rascunho, além de compor a memória de um texto, textualiza as dúvidas do autor, desde as tomadas de decisões que incluem o léxico, o estilo, a forma sintática, o dom imaginativo, até o comando das ideias-forças. Digamos com a ênfase de um Gerson (jogador da copa de 1970) governando o meio campo: sem ideias-forças o texto pode perder o jogo, o jogo da produção de sentido.

Quem estuda a matéria - a produção de texto - com um mínimo grau de atenção logo percebe que tramas como o combate ideológico e de visão de mundo, ou a luta para compor a legibilidade com devido valor estético, evocam a lei do inacabamento. Pode-se mesmo dizer: todo texto é inacabado. Sendo assim, quase sempre os escritores, de boa monta, são contrariados e críticos ao que fazem. A grafia feita na tela do computador deu o primeiro passo para o homicídio do rascunho.

Ao invés de se ver as letras garrafais de Vinicius de Moraes com puxadas de palavras, arremates no canto das folhas; ou os poemas de Drummond com setas indicando o reparo de versos; os trechos inteiros destituídos por tinta azul densa como no caso de Clarice Lispector; os parênteses seguidos de interrogações em Manoel de Barros, o que se tem é um texto pronto, incorrigível. Eis a morte do rascunho. Nada mais equivocado que um texto pronto. Nada. Sabemos que nada é incorrigível, pois conforme insinua o conto de Caio Fernando de Abreu, em todo ato humano “sempre falta alguma coisa”. E essa coisa que falta é essencial. O que falta é o que impulsiona. Porque sempre falta alguma coisa, o ser humano se move, ele todo com suas práticas; lançando-se no mundo pressionado pela realidade; mas aberto às possibilidades.

Porque sempre falta - e faltará - alguma coisa, nós, os seres humanos, somos seres de procura. Somos seres que não podem desistir de se aperfeiçoar, de corrigir-se, de transformar e de se transformar.

A morte do rascunho parece um releu fenômeno, um acontecimento prosaico e sem louvor. Mas não é. Tenho comigo que a morte do rascunho tem a ver com o monopólio das *Bigs Techs*, essas que, atualmente, desenvolvem a economia dos dados e, conforme explica o professor da ECA – Escola de Comunicação/USP, Eugenio Bucci, escravizam o olhar. Um texto sem rascunho é um texto controlado pelas *Bigs Techs*. Por isso, poder-se-ia esticar o raciocínio e alargar a compreensão: uma das características do atual capitalismo é fabricar discursos, imagens, ícones, narrativas. Como diz Bucci, o capitalismo atual é um mercador de signos. A lei da mercadoria é a lei da prensa.

Nesse lume o rascunho e a memória não interessam.

Daí que um texto sem rascunho se refere a um sujeito e a uma sociedade pragmáticos, apressados, descrentes da interrogação e da reflexão.

Carente e narcísico, esse sujeito, ao banalizar o texto, está banalizando o Outro, esse irmão de mundo. Por conseguinte, a morte do rascunho inscreve-se no tempo do apagamento da memória. Vê-se que os mecanismos ultraportáteis movem a informação onde o sujeito está e movem o sujeito a uma profunda dispersão. Geralmente, o sujeito nunca está. Diante disso, é preciso afirmar: amar é ter atenção. Pois bem!

Tudo se dá à escrita porque qualquer coisa se funda em outra passada e se conecta em outras para frente. Nada morre e nada permanece.

Tudo se transforma e se renova. Tudo ensina e tudo provoca. Aprender com os erros é a única forma de ajuizar a presença com sabedoria.

Eis o papel da memória, de todas as memórias, como é o rascunho.

Por tudo isso, salvar o rascunho de sua inanição é uma estratégia de defesa da razão; sem a qual não há emancipação. A razão é emancipatória quando se torna artifice da lucidez. Com lucidez podemos dirimir os passos, as tomadas de posição, a escolha dos caminhos, as propostas de libertação, o ajuste da emoção. A morte do rascunho é um atentado à alma.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.